



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODEABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

17 de Julho de 2010 • Ano LXVII • N.º 1731
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239



Uma sociedade humana sem crianças é uma parte do mundo que vai ficando decadente e vazia.

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

UMA sociedade humana sem crianças é uma parte do mundo que vai ficando decadente e vazia. A ausência delas é o sinal mais visível de que os corações dos homens se fecharam. O seu efeito sociológico verifica-se no crescente aumento de encerramento de escolas primárias, em primeiro lugar, e depois no número insuficiente de adolescentes e jovens para preencher as vagas em cursos previstos pelos diversos tipos de escolas. Tantas facilidades e ajudas, para candidatos que não existem ou que são em número insuficiente para os frequentar, que ficam sem produzir.

Uma sociedade humana sem crianças é como um corpo sem alma; é um autómato que se arrasta.

Nós também sentimos muito a falta de crianças pequeninas nesta Casa do Gaiato. Somos excepção no contexto de toda a Obra da Rua, já que em todas as outras Casas elas enchem a casa-mãe de cada uma delas, o seu cantinho, e não dão tréguas às Senhoras que são as suas Mães.

Entre nós, para já, o Manelinho é o mais pequenino, esperando por irmãos de idade próxima da dele. Ele não o sabe, mas está para breve. Até lá, o Issa, vai ocupando sob forma de memória e saudade, o espaço que no Manelinho deixou pelos meses que connosco viveu, antes do seu regresso à sua terra natal, a Guiné. Em tempo de estiagem, todos os dias nos sobrevoa um pequeno avião de reconhecimento, que logo desperta no nosso pequeno uma explosão: é o Issa!; e sai correndo do refeitório para receber o seu amigo...

O facto de ser o mais pequenino, sem par na idade, estando o mais próximo, o António, já com oito anos, faz dele o centro de todas as atenções, especialmente de quem nos visita. Todos o querem ver e acolher no colo e dar coisas ao Manelinho. Ele nunca se faz rogado. Mas se esta situação persistisse, poderia tornar-se-lhe, pelo hábito, prejudicial.

Entretanto, todos os dias, a dezenas/centenas de crianças não é permitido viver, por esta e nesta sociedade que as diz defender. Nega-lhes o seu direito à vida que ganharam do mesmo modo que seus pais, decerto, talvez, em contextos diferentes. É um avanço cultural, dizem. Mas se retrocederem na história, em fases primitivas de cultura, decerto encontrarão paralelo. Onde o avanço? Só se para a morte.

Madre Teresa de Calcutá dizia, dêem-me essas crianças que eu cuido delas! Nós podemos dizer o mesmo. Aliás, quem cuida e cuidaria delas é Aquele que cuida das aves do céu. E as que passam e morrem à fome? E as abandonadas? E as que nunca puderam nem poderão ser crianças? Se os homens não se interessam Ele cuida, e lhes pedirá contas por o não terem feito. □

16 DE JULHO

Padre João

16 DE JULHO DE 1956 foi o dia em que morreu Pai Américo. O Senhor veio buscar o Seu servo «bom e fiel» para o fazer «entrar na alegria do seu Senhor». Há muito que Pai Américo sentia esta proximidade da «irmã morte»: «a morte anda a rondar-me...» e não tardou a realizar-se esta premonição. Um acidente de viação, atira-o durante três dias para uma cama do hospital de Santo António, no Porto. «sangue contra sangue» a «morte, como ele a costumava definir, chegava numa embolia cerebral a 16 de Julho de 1956».

A sua morte foi a confirmação de que «vale a pena ser bom e pelo bem dos outros sacrificar tudo». O povo do Porto e de Portugal inteiro chorou-a publicamente, «sem máscaras nem disfarces...», como o referiu longamente a imprensa daquela altura.

Largas décadas rolaram sobre o acontecimento, aparentemente fatídico. Mas os planos de Deus ultrapassam-nos. A fé e a humildade, são, de facto, a chave explicativa da sua vida e do seu destino. Como sabe bem recordar as palavras de Pai Américo acerca deste seu destino, expressas de forma quase salmódica «olha o grão de trigo morreu, depois, tanta flor, tanto fruto, tanta vida. Os que vão colher, os que vêem o fruto, os que o colhem, os que se alimentam dele, os que passam, os que duvidam desse fruto! Que ocasionou isso tudo? A morte, a morte, gosto desta morte, porque espalha vida».

De facto a sua Obra vive o dinamismo evangélico do grão de trigo: morrer «para que todos tenham Vida e Vida em abundância». Nem outro caminho há que possa conduzir à felicidade verdadeira. A Obra da Rua continua a ser um milagre da multiplicação do pão que Deus É e quer fazer chegar a

todos, especialmente aos mais carentes. E há tantas fomes no nosso mundo – que já não têm a ver só com o pão da boca... O Porto bem compreendeu o Padre Américo. Foi essa espécie de osmose que o levou um dia a gritar: «Ai Porto Porto, Quão tarde te conheci...»

A par desta admiração e veneração popular, o quedar-se da Igreja, que na actuação evangélica do Pai Américo reconheceu estar em face de mais um dos grandes luminares da Caridade que se agigantam na sua história multiseular irrigando o mundo da frescura e do sabor do Amor de Deus. Foi a introdução do seu processo de beatificação – um processo que decorre no tempo canónico... e aguarda um sinal do Céu.

Num mundo de tanta asfixia egoísta, de tantos atentados contra a vida humana, que bem nos faria podermos invocar, publicamente o nome do Pai Américo... para Glória de Deus e salvação das almas – o que já fazemos com o coração a boca o proclamaria, como sentir da Igreja. Conscientes de que ele o disse de si mesmo «O Padre Américo é um manietado como todos vós. Vai. Impelido. Cumpre o mandado. Nós somos mandados. É Deus que escolhe a hora. Que escolhe o lugar. Que dá o toque que ajuda a realizar e termina a realização. É preciso que se compreendam estas verdades. Nós somos apenas os executores. É preciso pôr Deus no Seu lugar!»

No próximo 16 de Julho teremos connosco o nosso Bispo, senhor D. Manuel Clemente. Com ele rezaremos ao Pai, na Eucaristia que será às 12 horas, por toda a Obra da Rua, pelas suas intenções mais prementes. Também por esta! □

O ESPAÇO COMO FACTOR DE ADEQUAÇÃO E FORMAÇÃO NAS CASAS DO GAIATO

Ernesto Candeias Martins

NOTA DA REDACÇÃO: No encerramento das comemorações dos 70 anos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, o nosso Amigo e especialista em Ciências da Educação, Doutor Ernesto Candeias Martins, proferiu uma suculenta comunicação que ele mesmo resumiu e que por exiguidade de espaço apresentamos neste e no Próximo número d'O GAIATO. Chamamos, por isso, a atenção dos Leitores.

COMEMORAMOS este ano Cos setenta anos da criação da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. De tantos aspectos que já abordei sobre a Obra da Rua e, especialmente, sobre as Casas do Gaiato, há um que gostaria partilhar aqui convosco. Trata-se da pedagogia dos espaços nestas instituições em regime de portas abertas.

Abordaremos uma questão fundamental, desdobrada em dois aspectos: A importância do(s) espaço(s) nas Casas do Gaiato nas acções educativas e de convivência dos Gaiatos! Qual a potencialidade socioeducativa e

físico-natural do espaço exercem uma interdependência do Gaiato, nas suas acções, procedimentos, conhecimentos e valores?

Estas serão as nossas balizas ao longo da nossa exposição, com o objectivo de valorizar os espaços das Casas do Gaiato no âmbito afectivo, comunicativo, relacional, numa interpretação educativa que justifica muitos dos comportamentos dos Gaiatos, como consequência do sistema de autogoverno. O ambiente naquelas Casas, impregnado de espaços multiusos, permite essa liberdade de acção/actividade que é dada aos Gaiatos no seu agir

quotidiano (activismo) ou nas situações psicossociais (grupo). Sabemos que as práticas educativas e ambientais estão presentes nas dinâmicas sociais e comunitárias. Esta reinterpretação do capital educativo e social que existe nos espaços das Casas do Gaiato mostra-nos que é possível explicar e fundamentar pedagogicamente as iniciativas socio-educativas dos Gaiatos na base da educatividade de cada espaço, seja ele a realidade físico-natural, a social, a educativa, a cultural ou comunitária.

Assumimos o desafio de encontrarmos vias que justifiquem o protagonismo do 'espaço' como epicentro das propostas socio-educativas e ambientais nas Casas do Gaiato. Somos conscientes que não é a mesma coisa falar de 'espaço' que falar de 'meio', 'território', espaço ambiental,

Continua na página 4

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

O NOSSO PRINCIPAL PROBLEMA SOCIAL — Já aqui falamos disto e, infelizmente, vamos ter que voltar a falar nos anos que aí vêm. Desta vez o problema voltou-nos à ideia na primeira reunião da nossa conferência que agora congrega as anteriores conferências “feminina” e “masculina”. Ao percorrermos os casos que cada vicentina e vicentino acompanha, vimos indícios de situações que por aqui ainda são menos frequentes do que noutras partes do País por onde temos andado, mas que, nos tempos que se aproximam, tenderão a aumentar, e por cá também. Trata-se daquelas pessoas com quarenta e tal anos, com formação escolar e qualificação profissional baixas e que estão desempregadas ou inactivas. A algumas delas ainda poderá ir valendo o subsídio de desemprego, o rendimento social de inserção, ou a pensão de reforma, se estiverem em condições de já ter acesso a ela. Outras estão em situações que não encaixam em nenhum destes apoios e aí as famílias, se funcionarem, ou se puderem, ou as conferências vicentinas e outras organizações do género são as alternativas que restam para lhes prestar esse apoio.

De qualquer maneira, coisas como o subsídio de desemprego ou o rendimento social de inserção não vão durar para sempre. Até poderem ter acesso à pensão de reforma, faltam a estas cerca de vinte anos. Quando essa pensão vier muito provavelmente dará para pouco. A melhor solução seria poderem encontrar trabalho, mas, como sabemos, são mais os empregos que desaparecem do que os que são criados, e nos que vão sendo criados, o drama para estas pessoas é que poucos ou nenhuns são para quem tem as suas idades e o seu baixo nível de qualificações. As coisas ficam ainda mais complicadas quando há filhos para criar e dívidas para pagar. Das pessoas que estão nesta situação, há as que fazem tudo o que está ao seu alcance para voltarem a encontrar trabalho, mas também há as que se acomodam e que esperam que os outros resolvam os seus problemas todos por elas.

Como dissemos, por cá ainda há relativamente menos destes casos do que noutras partes do país e os que existem ainda estão “escondidos” pelo manto da protecção social do Estado. À Conferência Vicentina chegam-nos aqueles que ficam fora dessa protecção, ou para os quais ela é insuficiente. De qualquer maneira, o problema está aí e, infelizmente, vai agravar-se. Vamos estar a atentos e continuar a fazer tudo o que estiver ao nosso alcance para ir acudindo ao que nos for aparecendo.

O nosso endereço: *Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.* □

PAÇO DE SOUSA

PISCINA — Este espaço já estava a fazer falta, para os tempos livres, pelo que foi preciso limpá-la, retirando a água suja. Depois encheu-se com água limpa para começar a época balnear, deste ano.

VISITAS — Veio um grupo de jovens vindos de Santo Tirso. Bem preparados marcaram a hora para o encontro com toda a Comunidade que aqui se reúne. Trazem-nos a sua saúde e alguns afectos para os nossos rapazes. Fazem da nossa Casa, sua e vêm como quem deseja observar o que é seu, apreciar a beleza do ambiente mais a alegria e ordem dos rapazes. Regressam com vontade de voltar. Visitas que nos consolam e saindo consoladas e confiantes de um novo conforto. Somos uma porta aberta para todos os que queiram entrar.

RAPAZES — Ontem, despediu-se um Rapaz desta Casa, para ir trabalhar para uma empresa no Norte do País. Era um chefe com muito prestígio, pela sua dedicação de corpo e alma à nossa Obra.

Só me resta desejar ao Nuno «Almeidinha» tudo de bom e do melhor para o seu futuro.

Carlos Meirinho

DESPORTO — Acabou a época 2009/2010. E acabou da melhor maneira: um jogo/convívio com os Rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal e em terras sadinas.

Sáímos de Paço de Sousa, logo pela manhã. Chegámos a Setúbal por volta das 13h30. A viagem correu muitíssimo bem, fomos recebidos pelo nosso Padre Acílio e pelos Rapazes. Outra coisa não era de esperar.

Almoçámos e, a seguir ao cafezinho, veio o descanso, até à hora do jogo.

O Convívio entre os Rapazes de Setúbal e Paço de Sousa, foi sempre excelente! Espero que continue!

Chegada que foi a hora do jogo, tudo se dirigiu para o *estádio da terra vermelha* — como eu lhe chamo! Um jogo onde tudo correu lindamente. Pela segunda vez, em Setúbal, encontramos uma equipa de arbitragem à altura do convívio. A primeira foi com o César, antigo gaiato, e, agora, com o Joaquim, também dos nossos.

Há antigos que têm bem a noção do que é lidar com o presente. Gostam de aconchegar, de colaborar e, sobretudo, de respeitar, nunca ditorcendo o que quer que seja.

Dizia ele que: «... se uns são gaiatos, os outros também são, de maneira que, ganhe o melhor. Não estou para arranjar desacatos entre família, por causa de um simples jogo de futebol». Pois é! O Joaquim, ao contrário de outros, é que está certo: «Não estou para arranjar desacatos...»

No final do encontro, a vitória sorriu à equipa de Paço de Sousa, com golos de Jesus (1), Tó-Zé (1) e Ricardo Sérgio (1), contra um de Setúbal, marcado com o «pé canhão» de «Amarante».

No final do jogo houve merenda,

Pelas CASAS DO GAIATO

BENGUELA

César («Massauro»)

DESPORTO — Sábado e Domingo são dias reservados para o futebol, os nossos rapazes estão habituados com este andar. Quando chega o fim-de-semana é o grande momento para a prática desportiva. Podemos-vos dizer que os nossos pequenos (cassulinhas), estão a participar no torneio zonal (F), onde cada um tem procurado mostrar a sua boa qualidade. O grupo anda muito animado, mesmo quando as coisas não correm bem, os rapazes têm dado sinal de que a pontualidade e responsabilidade são importantes e fazem parte do nosso quotidiano. Isto para dizer que com este andar os rapazes estão a ganhar maturidade, e isto é o que em primeiro lugar nos interessa, porque o resto é muito mais fácil de ser corrigido. Aliás é do conhecimento dos nossos jogadores que quando um deles não aceita colaborar ou respeitar aquilo que se pede, então esse rapaz não está ainda preparado para caminhar conosco ou não quer ser um bom jogador. Nessa

altura a gente coloca-o de lado para ver se ganha mais responsabilidade.

Tenho-lhes dito que só as vitórias não bastam, é necessário em primeiro lugar sermos pontuais, responsáveis dentro e fora dos campos, para haver bons resultados o grupo tem que estar unido, animado, saber perdoar aos nossos adversários e ainda saber aceitar e reconhecer os bons e os maus momentos que a equipa passa. Para isto é necessário que se façam circular estes valores. Estes, bem cumpridos e respeitados, estamos em condições de atingir os nossos objectivos.

Falando do torneio, quero-vos dizer que estamos na quinta jornada, e estamos neste momento em segundo lugar, com 10 pontos. Aproveito para agradecer aos nossos novos jogadores que têm cumprido bem as responsabilidades que lhes foram confiadas. Refiro-me concretamente ao Chabas que passou a ser o segundo guarda-redes, ao Graça, e ao Hossy, que a cada jornada

que passa, eles vão procurando acertar os seus passos. Também não deixo de referir os bons momentos de forma do nosso Américo que tem levado a equipa a peito, ele é que tem sido o nosso destruidor e pensador do jogo. Também na mesma linha está o Eddy que tem dado muito nas vistas. Ainda não posso esquecer o nosso Jacob, que é o nosso principal distribuidor. Ainda faço referência ao ataque, que precisa de ser melhorado. É o lado mais fraco da equipa. A nossa equipa precisa de um ponta de lança, que é o lado que me tem dado muita dor de cabeça.

Não posso esquecer de agradecer ao nosso José Luís e à Teresa que nos trouxeram o novo equipamento — dos cassulinhas. A eles aqui fica o nosso agradecimento, porque a vinda desse equipamento motivou muito os nossos pequenos (cassulinhas), e agora só nos resta trabalharmos muito para que os bons resultados apareçam. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGRO-PECUÁRIA — As temperaturas subiram muito, nos últimos dias. O ambiente esteve mesmo abafado e houve fogos na zona. Continuou a regar-se a cultura da batata e brevemente será apanhada. No celeiro da batata, deu-se um arranjo nos estrados de madeira. A milharada foi cortada, para depois secar. A tarefa agrícola maior, nesta época, foi o enfardamento e armazenamento da palha de aveia. Apesar de contratempos climáticos, no atraso da sementeira, ainda se conseguiu uma produção razoável. A palha foi enfardada com o grão. E tem sido elogiada nas redondezas. Foi transportada dos campos no atrelado e guardada no palheiro. A poeira era mesmo aborrecida. Mas, é bom ter os campos semeados! Os talhões de alfices que foram plantados no pomar, com a subida da temperatura, cresceram depressa. Temos comido delas, nas refeições. As saladas fazem bem à nossa saúde! Com as ameixas e as maçãs a amadurecer, alguns atrevidos têm sido tentados a ir à fruta... Nas refeições não tem faltado. Nos jardins, tem havido problemas com os aspersores de rega.

Nos quintais das casas anexas, foram cortadas as ervas daninhas.

70 ANOS DA NOSSA CASA — Conforme foi programado, em devido tempo, aconteceu a 27 de Junho, Domingo, a parte final das Comemorações dos 70 anos da fundação da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Assim, coincidindo com o Encontro de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro, houve uma Celebração Eucarística, pelas 10.00h, na nossa Capela, presidida pelo senhor Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto, que também lembrou o profeta que foi Pai Américo. O almoço, ao ar livre, nas mesas por baixo das nogueiras, foi um bom momento de convívio. Pelas 15.00h, no auditório da Câmara Municipal de Miranda do Corvo, o Sr. Prof. Doutor Ernesto Candeias Martins fez uma palestra sobre os espaços na formação dos Rapazes, que muito agradecemos. Também usaram da palavra os representantes do Município (presidentes da Câmara e Assembleia Municipal), da Associação de

Antigos Gaiatos e da nossa Obra (Padre Manuel e Padre João Rosa). Seguiu-se uma sessão de autógrafos. Entretanto, a tarde continuou com uma merenda partilhada; ficando, depois, tudo arrumado. Assim, os Rapazes não poderão esquecer a importância de Pai Américo ao criar a nossa primeira Casa do Gaiato, depois das Colónias de Férias (desde 1935), há 70 anos, bem como do nosso Padre Horácio, entre outros, das Senhoras e de todos aqueles Rapazes (mais de mil) que por aqui passaram!

FESTAS — A nossa Casa tem sido desafiada a apresentar festas em várias terras; o que é bom sinal! Para já, se não houver imprevistos, teremos uma festa em Aveiro, no Centro Cultural e de Congressos, no dia 19 de Setembro, Domingo, pelas 15.00h. Contamos com a colaboração das outras Casas da nossa Obra. Convidamos, desde já, os nossos Amigos dessa região para que não faltem e divulguem a nossa Festa — Encontro, dos Gaiatos de Pai Américo! □

e à hora do jantar e do Terço, novamente todos juntos, para fechar o primeiro dia de convívio. Fomos dormir ao Lar e, no dia seguinte, às 09h00, chegámos à Quinta para a Missa e pequeno-almoço.

Depois é que foram elas! Fomos para a Arrábida. Quase todos tomaram banho naquela água transparente. E arrancá-los de lá para vir embora?! Não foi fácil. Chegámos a Algráz já mesmo em cima da hora do almoço, que estava uma delícia.

A D. Conceição e seus ajudantes, não brincam em serviço!

«Barriga cheia, companhia desfeita». Foi o que nós fizemos.

Despedimo-nos, agradecemos por nos terem recebido tão bem e regressámos ao nosso cantinho.

Padre Acílio veio despedir-se de nós à camioneta, e parecia que estava com pouca vontade de nos deixar arrancar. Quem passa por Paço de Sousa... não é como ir a Cascais: «Uma vez para nunca mais».

No regresso, passámos por Fátima. Visitámos o Santuário e agradecemos/pedimos à Mãe do Céu, que nos continue a ajudar — bem precisamos!

Aqui, estava à nossa espera a D. Preciosa. Ela tinha como presente, uns docinhos da região para adoçar o bico à comitiva.

Mas o melhor estava para vir. Parámos na estação de serviço da Mealhada para uma merenda/ajantarada. Toda a gente comeu e bebeu. Todos, como quem diz: Jesus, quase não tocou em nada. Alguém se lembrou de dizer que

estava quase a chegar a senhora com o leitão. Ele ouviu e, encostou-se à parede quietinho à espera daquilo que nunca havia de chegar. Quando ele se apercebeu de que o alarme era falso, ia sendo tarde, pois estava quase tudo no fim. Toda a gente se perdeu a rir. Não de Jesus... mas da vontade que ele tinha do leitão.

Chegámos a Paço de Sousa, já tarde, mas o nosso Padre Júlio estava à nossa espera. Com ele, encontrava-se o «Almeidinha» e, junto à casa 4, alguns Rapazes, também aguardavam a chegada da comitiva para darem os parabéns aos jogadores.

Graças a Deus, quando há boa vontade, tudo se faz, tudo se resolve e tudo corre bem.

Alberto («Resende»)



Equipa da Casa do Gaiato de Paço de Sousa

os árbitros

equipa da Casa do Gaiato de Setúbal.

CALVÁRIO

Padre Baptista

JÁ tudo repousa em nossa Casa. A noite está estrelada, límpida, silenciosa. Um melro quebra o silêncio ao piar nos ramos das carvalhas. No céu profundo as estrelas cintilam, quase perdidas da nossa vista. Gravitam no seu tempo que não é o nosso. Não carecem da luz do sol, porque elas próprias também ardem em fogo e luz. Cada uma ocupa o seu lugar lá no alto.

Há homens que o não têm neste mundo. Vivem perdidos, rejeitados, desprezados.

Hoje, informaram-me de uma destas situações. Trata-se de um pobre senhor, com distúrbios psíquicos, que a família não aceita, nem quer a seu lado. Também a assistência social não tem lugar

para ele, apesar de várias tentativas feitas em gabinetes diferentes.

A nossa Casa é abrigo para muitos que não têm lugar entre os homens.

Este rapaz veio muito pequeno. A mãe vendia-se na cidade. Uma tia tomou conta dele provisoriamente e veio entregá-lo. Há vinte anos que está connosco e nunca alguém o visitou.

A mãe de outro, com oligofrenia grave, andava pelos montes perdida. Teve este filho que nunca conheceu o colo e o carinho materno. Um familiar veio entregá-lo há trinta anos e nunca mais apareceu para o ver.

Mas muitos seres humanos não querem ter lugar entre os homens.

Este pobre não se lembra dos pais. Estes foram para a cadeia, tinha ele três anos. Andou de mão em mão tornando-se um vagabundo pela cidade, onde ia vivendo. Embriagado sofreu um acidente numa rua da cidade. Teve de ser internado num hospital. Meio refeito veio para o nosso meio, onde permaneceu durante dois anos. Parecia adaptado, mas o álcool lembrou-lhe os tempos de então e regressou aos caminhos por onde andara. Ainda tentámos o regresso. Que não. E desde então come e pernoita onde calha. Tendo, não quer abrigo. Deixou vazio o seu lugar. Fiquei com muita pena!

As estrelas têm o seu lugar lá no alto. Mas há muitos homens que o não querem ter neste mundo. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Património continua com os pobres de ao pé da porta, quero dizer: da cidade de Setúbal.

Um leitor queimado com o que eu conto, transmitia ao seu amigo a dor da queimadura, mas logo ele lhe repontou: — *Não acredito. Setúbal é uma cidade tão linda, com tão bom peixe, um porto de mar enorme, e boas fábricas que é impossível existir o que o padre relata.*

Sei deste desabafamento porque o meu leitor, tendo acreditado no que eu escrevo, me comunica dolorosamente. Não admira!... É que, se eu não visse, também não acreditava. Assim, não só o confirmo, como me escandalizo e choro! Choro, sim. Pranteio os pecados dos homens, sobretudo os de omissão, deploro as gritantes injustiças sociais, gemo as dores dos pobres.

Não fico por aqui. Vou. Continuo a ir. Eles vêm, não desistem. Confiam.

Os rapazes andam comigo. Eles são o meu maior estímulo a seguir à fé que me alumia.

Nestes dias, fui dar na carpintaria, com seis pequenas secretárias de mogno, com duas gavetas cada uma e cadeiras a condizer. O André — chefe-maior da Casa e carpinteiro — tinha-as envernizado para eu levar aos pobres.

Ele viu que os pequenos das famílias, não têm onde fazer os

trabalhos de casa e todos são obrigados a frequentar o ensino regular por causa do rendimento mínimo. Não admira. Acompanhou-me e foi ver com os seus olhos, famílias numerosas, em casa, sem nada: — as pessoas a dormirem no chão, em colchões de espuma, enrolados! Nem uma cadeira, nem uma mesa, a roupa no soalho, não em montões sujos, mas limpa, dobrada e posta no chão.

Uma mesa e umas cadeiras para as famílias se juntarem às refeições, são elementos importantes, mas muito raros.

As camas, as secretárias, foram-nos oferecidas há tempos. Eram do Hotel Esperança. Armazenadas durante dezenas e dezenas de anos, vieram, agora, parar-nos às mãos.

Eu vejo, em tudo isto, o dedo de Deus! Como me anima e entusiasma esta Presença do Divino no socorro aos seus filhos mais abandonados.

Como quase ninguém possui electrodomésticos ou tem um ou outro e avariado, através de familiares que negociam no ramo, me dão todos os ganhos, ou melhor, entram comigo na ajuda a estas famílias, comprei, para distribuir, *vinte fogões, vinte esquentadores, e o mesmo número de frigoríficos, mais dez máquinas de lavar roupa com a capacidade de seis quilos.*

Os esquentadores são mais baratos mas os frigoríficos e os fogões

ficam-me, por volta, dos 200 euros.

— *Não me queres pagar um? Se não podes, junta-te aos amigos, prega esta campanha e, todos, venham em meu auxílio.*

As máquinas de lavar roupa, são mais caras. Só as darei às famílias com quatro filhos ou mais.

É tudo material da melhor qualidade que, aos pobres, só se dá o que é bom, para os promover e estimular.

Os gaiatos irão montá-los e responsabilizar-se-ão pela observância das regras de segurança e de manutenção. Iremos assim, combater a pobreza. Não com propagandas nem conferências nem sessões nem correrias que só banalizam tão nobre ideal. Mas, encaramo-la de frente.

Pregando numa Eucaristia, arranjei trabalho para uma abandonada, jovem, com dois filhos. Timidamente, pedi que me fosse dada a ocasião de falar nas igrejas de Setúbal, mas... só ouvi silêncio!...

Terei de insistir. É o que farei na primeira ocasião. Os meios têm de aparecer. Os pecados de omissão, de diminuir. E os pobres, serem ajudados.

A direcção do Património dos Pobres:

**Casa do Gaiato de Setúbal
Algerúz
2910-281 Setúbal. □**

MALANJE

Padre Rafael

TINHA apenas 4 anos quando sua mãe deambulava pelas ruas de Malanje, sem rumo aparente. Aquela mulher pertencia a uma família rica e era professora. A família acabou por rejeitá-la por motivos de doença mental, seguramente identificando a doença com um mal muito enraizado nesta terra, chamado fetichismo.

O pequeno foi recolhido em nossa Casa de Malanje e cresceu até se tornar um homem. Mas a vida não perdoa e ele acusou a mesma doença da mãe. Com alguns medicamentos provenientes do primeiro mundo, o nosso Rapaz conseguiu estabilizar-se e levar uma vida praticamente normal. O seu desafio é ser aceite como uma pessoa capaz de ter autonomia na vida.

No ano passado lançou-se na realização desse sonho e, depois de várias tentativas, conseguiu um

emprego numa padaria, dedicando-se a fazer bolos personalizados. O que mais admiro em tudo isto é que decidiu tomar conta da sua mãe e, por incrível que pareça, durante estes últimos meses tem-no conseguido. Actualmente está poupando para comprar um terreno e construir uma casa para ambos.

Há um mês, veio a nossa Casa para partilhar connosco a triste notícia do desaparecimento de sua mãe. Alguns dos seus parentes dizem que a viram em Luanda e, sem pensar, foi ao seu encontro. Foram várias semanas a percorrer aquela inóspita cidade sem dar com ela. Finalmente, voltou a Malanje para tentar retomar o trabalho e continuar com o seu projecto. Permanece no seu coração a tristeza de não saber o paradeiro da mãe, e em nós o testemunho e o orgulho de ver em um dos nossos filhos a atitude de um homem com

maiúsculas. Seu nome é Fábio.

Por estes dias, os Rapazes se estão aplicando com força nos trabalhos de Casa. As diferentes reuniões com os chefes e de uns com os outros, parecem dar frutos. Em nossas Casas, os Rapazes têm de saber que a colaboração de todos é um compromisso intransigente e que é responsabilidade de todos chamar à atenção aqueles que não querem colaborar.

O frio está presente em Malanje e a estação seca corta a pele das nossas crianças, sobretudo a dos mais pequenos que andaram muitos dias na apanha da batata. O mais impressionante de tudo é que ainda encontramos algumas e com elas fazem os seus almoços. Temos tentado dissuadi-los de várias maneiras, mas ninguém pode com eles. Assim, decidimos desistir e deixá-los apanhá-las até que terminem. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Pote partido

QUEM demandou estas paragens, a nascente do Senhor da Serra, nomeadamente os arrabaldes do burgo, nas faldas da Lousã, decerto reparou numa tradição residual que é o fabrico artesanal de peças de barro. Na olaria do barro vermelho, encontram-se púcaros, bilhas, cântaros, caçoilas, assadeiras e potes, entre outros artefactos.

Neste torrão, outrora Quinta de S. Brás, a Casa do Gaiato instalou-se a muito custo e custas, como Família estável para os últimos, sem lar, quando eclodia a II Guerra Mundial.

Na velha adega, adormecida, resiste alguma louça de barro, nomeadamente vários potes. Serviam para conservar água, azeite e azeitonas.

Alguns potes foram deslocados para um jardim. Fixámos um pote partido, com terra dentro. Cumpriu a sua utilidade. Agora, desprotegido do frio, da chuva, do vento e do Sol, não conseguiu manter-se intacto. Foi-se desfazendo em cacos, difíceis de juntar e fixar. Lá ficou meio inteiro, não disfarçando aos mirões a pena de estar quebrado.

Esta peça de olaria, desmanchada, transportou-nos até a alguns casos dolorosos. Existem vários bairros problemáticos, em zonas de grande concentração populacional, manchados pela violência, atemorizados por assaltos e corroidos pelo tráfico e consumo de drogas. Temos escutado angústias sobre adolescentes que foram pisando e continuam enterrados em lamaçais.

Em tempo de crises, mesmo em áreas semi-rurais, ficamos perplexos com o não abrandamento da mistura indecorosa e dispendiosa nos festejos pagãos, o que deve deixar os bem-aventurados muito arreliaados, nos Céus, pelo barulho a desoras, fazendo orelhas moucas às promessas...

Diante de um cenário social em metamorfose, muito acelerada, os nossos olhos voltam-se para a fragilidade e a miséria, até moral. Num pedido recente, uma Comissão de Protecção de Crianças e Jovens insistiu muito para admitirmos um adolescente, a viver com os pais, sujeito de comportamentos desviantes, na Escola e nas ruas. O seu processo é volumoso. Não foi possível recebê-lo. Também não queria deixar os esquemas em que estava embrenhado. Não devemos deixar de conhecer as situações com que nos confrontamos, mesmo não sendo resposta para o caso.

Considerando que o tempo passado, pelos mais jovens, em meio escolar, é substancial, no acompanhamento de cada filho, devem-se aproveitar também o mais possível os momentos familiares. Entre nós, até para os enquadrar e habituar nas rotinas, gerindo as ocupações, o recreio e o descanso.

Acontece que alguns, marcados no seu eu pelas circunstâncias passadas e mentalidade do ócio inútil, *estranham* as ordens para o serviço em Casa e a necessidade do esforço escolar, pois até percebem que se vai transitando de ano.

Vários adolescentes, espigadotes, que consumiram muita atenção e preocupação, acabaram por desaproveitar todas as oportunidades e mais algumas para encontrar equilíbrio pessoal. Desperdiçaram os seus dons e procuram bodes expiatórios.

Isto não aconteceu com aquele pote, em desagregação; pois, enquanto foi necessário, desgastou-se utilmente. E, agora, repousa dos seus trabalhos.

Corre-se o risco de prolongar indevidamente a adolescência. O confronto com a realidade laboral, mais cedo, sem esperar emprego de secretária, pode acordá-los para a exigência de comer o pão com o suor do seu rosto. A situação é turva quando não têm retaguarda parental e idónea; nem projectam uma realidade conjugal. Porém, as nossas Casas não devem ser de repouso imerecido, mas de aprendizagem para os trabalhos, desde os mais simples da mesa comum até aos do estrume que enriquece as terras. Os nossos filhos não podem ser *robots*; mas, acompanhar sadiamente as novas tecnologias.

Se trazemos o tesouro dos nossos dons em vasos de barro, ajudá-los a render é uma missão espinhosa da paternidade e maternidade, mesmo à revelia das ondas despromotoras da família verdadeira. Senão, o tédio e o vazio dos mais novos pode partir em cacos a paz social. No reino de Deus, anunciado por Jesus, com a Justiça vem a Paz! □

Correspondência dos Leitores

«Junto envio, pedido de desculpa pelo atraso e cheque para o 'Famoso' que minha mulher (e eu também) lia com muito gosto. Porém, Deus chamou-a para junto de Si. Peço-vos uma oração por ela. Também, que a assinatura passe para meu nome.

Acompanhando e apreciando — desde a adolescência até à minha actual velhice (84 anos) — a grande Obra do Padre Américo, sempre e em toda a parte elogio e destaco.

Assinante 19740»

«Peço desculpa pelo atraso em actualizar a minha anuidade em relação ao querido e estimado O GAIATO, mas é o costume..., cá vai ela e espero que fique tudo actualizado, pois sem a presença viva e amiga, deste 'membro' adoptivo, que é o jornalzinho, jornalão e todos os adjetivos pertinentes a um membro, que só nos faz bem, não poderíamos encarar a vida e compreender melhor o próximo. Com ele, com todos, nós que o lemos, vós que o escreveis e editais e aqueles que o vivem, faremos das letras de um jornal, as frases vividas e as acções corajosas — que tão precisas são nestes tempos! Tenham muita Fé em Deus que olhará e terá pena dos filhos que sofrem!

Assinante 72996»

MOÇAMBIQUE

Padre José Maria

ANDO deslocado da vida cuidando da saúde, para aguentar melhor os anos que Deus me conceder.

Deslocado também como outros que vou encontrando por onde passo. Um se afirma homem de fé responsável, mas sem fé nenhuma na instituição, como disse sem mais concretizar.

Não são poucos os que procuram Deus a nortear suas vidas, sem frequentar os lugares de culto que não lhes dizem nada e também por outro lado, não são poucos os que servem o Estado, porque o serviço de Deus não lhes garante a boa mesa e o sapato engraxado, para se deslocarem velozmente por onde querem, que não pisando o chão da rua ou os caminhos sujos das aldeias, para entrar na casa dos mais Pobres.

Vi um barraco a cair de velho, mas verdadeira habitação de família, defronte da igreja da vila, onde nem o padre nem paroquianos entram.

A vontade vai crescendo, como o milho dos campos nesta altura do ano, de o Estado assumir o que há de mais genuíno na Igreja de Cristo. Esta mandando às malvas a Caridade, assumindo-se solidária, não é claro, se com o Estado, se com o seu Povo, que se livre quanto antes de ser dele, Estado, a mão dos punhos de renda.

Olhem o Cristo, na Cruz, com as mãos e o lado trespassados! Já acusada de tantas fraquezas, deixando aberta a fortaleza inexpugnável daquilo que recebe de Cristo como seiva divina, que não seja acusada mais tarde, quando tudo se apagar, como num final

de beleza efémera do fogo de artifício, onde não se vê onde pôr o pé, de se ver também como uma criança abandonada.

Nós, Obra da Rua, estamos desacreditados, por tanta lama que alguém fez e nos jogaram. Na sequência tomaram medidas atarantadas de socorro a naufragos, lançadas às crianças abandonadas ou postas em risco pelos pais e outros, como se nada valéssemos.

Não embarcamos porém nessas medidas, nem nos dobraremos, sobretudo quando nos pedem para acolher jovens, quase adultos mas já moribundos da aplicação de mesinhas científicas.

Já passou o tempo de eles não serem, amanhã, os nossos acusadores no banco dos réus.

Chega-se ao cúmulo de retirar

uma bebé à sua mãe, e levá-la compulsivamente para adopção, porque ela não tem condições para alugar uma casa com dois quartos para os filhos. Quantos pais não têm dinheiro para pagar a renda à Câmara e o Tribunal dá-lhes ordem de despejo!

Em que mundo estamos?

Onde vamos parar com tanta fome, tantas imposições legais, tanta escravatura às leis desumanas e desrespeito dos direitos humanos?

Afinal este mundo é só para jogadores, políticos, banqueiros e sanguessugas de grandes empresas?

Do alto da pirâmide social há miopia e cegamente defende-se com unhas e dentes a posição, sem ver a multidão que está na base, que só não rebenta porque

tem a barriga vazia, e não se apercebem da instabilidade na fragilidade da base em que a todo o custo firmam o pé. Os vermes vivem do lixo que os de cima vão criando.

Nós, Obra da Rua, com fundações no rochedo do Calvário onde Cristo foi levantado, estamos prontos para o fracasso, como no tempo em que ele pisou a terra com o coração.

Ele está vivo em nossos corações e no de milhões de seguidores que serão capazes de oferecer as suas vidas e derramar o sangue, para que outros tenham vida. Nunca apoiados nas leis humanas, mas na única que é imutável e imortal — a lei do Amor.

«Como Te encontraremos Senhor, se o Teu caminho não cruzar o nosso caminho?» □

Padre Gonçalves Moreira

NÃO foi surpresa a sua morte, mas fiquei triste por não ter conhecimento dela a tempo de concelebrar a sua Missa final. Coisas do sentimento porque o Altar é só um e o tempo já não conta; e em um outro altar o tive presente na primeira oportunidade.

Conheci-o na Granja; mas, com a discreção que era sua marca pessoal, só depois que foi o Reitor da Igreja da Trindade convivemos um pouco e mais intensamente durante a fase diocesana do Processo para a Beatificação de Pai Américo de cujo Tribunal Eclesiástico ele foi o Secretário. É deste tempo que guardo profundas recordações que fundamentam a muita gratidão e concomitante afecto que a ele me ligaram.

Não foi trabalho leve que sobre ele pesou: a organização de um Processo denso de documentos e de testemunhos que a ele cabia ordenar após cada sessão do Tribunal. Não que lhe percebesse alguma

vez qualquer sinal de cansaço; mas o que percebia, isso sim, é que tal implicava muitas horas de atenção e de esforço que ele tinha de sobrepor aos seus demais afazeres. Esta uma primeira manifestação da sua generosidade. Depois, a outra, a gratuidade da sua colaboração num Processo cuja realização material há-de ter tido custos que ele suportou, respondendo, sempre que interpelado, que não havia razão para quaisquer contas.

Às suas outras muitas boas obras que Deus ajunte esta. E LÁ na morada celeste onde Deus os terá próximos, Padre Moreira *secretarie* ainda uma vez mais o Processo em que tão diligentemente se empenhou e está em Roma, documentalmente encerrado, em ordem ao seu fecho absoluto: o milagre que, por intercessão de Pai Américo, há-de ser reconhecido pela Igreja como prova real de Santidade.

Padre Carlos

BENGUELA

Padre Manuel António

O amor é paciente!

QUANTO mais amas, mais sofres. A paz e a alegria, duas irmãs gémeas, são companheiras inseparáveis do amor. Os pais, os educadores, realizam a sua missão na medida em que fazem o dom das suas vidas aos filhos que lhes foram confiados. Vivemos, diariamente, este chamamento. Neste caminho estreito, mas caminho certo, há momentos duros e exigentes, em que o desânimo bate à porta. Não pode entrar. A Esperança é o segredo da vitória. Estou a partilhar convosco a experiência da nossa vida. Como nas famílias, em geral, os filhos que enchem a nossa Casa têm reacções diferentes. A semente tem a mesma categoria. É lançada com o mesmo amor. Os campos, cada um é um campo, acolhem-na ao seu jeito. Daí, o resultado da sementeira pode ser diferente. Se isto acontece numa família natural, quanto mais numa família como a da nossa Casa. Por isso, alguns destes filhos não aproveitam tão bem a riqueza humana que têm ao seu

dispor. Sofremos mais, porque o amor é posto à prova. Contudo, não podemos desanimar.

Nesta semana, vieram três pedidos para recebermos mais crianças. Quem nos dera poder acolhê-las! Contudo, o problema do emprego para um grupo numeroso de mais velhos não está resolvido. A saída deles com dignidade abriria a porta para a entrada dos novos filhos. A situação das empresas foi duramente afectada pela chamada crise económica financeira mundial. Assim dizem. Continuamos a insistir, pressionados, também, pela necessidade de acolhermos no coração da nossa Família, a tempo e horas, as crianças abandonadas. Tenho encontrado muita compreensão. Hoje mesmo, de manhã, foi aberta a porta a três destes filhos mais velhos, na empresa Mota-Engil. Espero, muito brevemente, comecem a trabalhar para se integrarem na vida de cidadãos comuns, a viver do fruto do seu emprego. Há mais. O amor é paciente!

Entretanto, os novos filhos que bateram à porta para entrar não têm, sequer, o registo civil na conservatória. É um passo necessário que vai ser dado pela pessoa que os guarda, até este momento. São pequeninos. Pedem muito carinho. Pedem muito amor. São verdadeiras injeções de vida nova na renovação do amor de quem vai estar mais perto deles. A dor também acompanha estes momentos, porque sabemos que os nossos limites humanos são grandes. Mas, que fazer? Vamos caminhar até onde for possível.

É sempre motivo de grande alegria sentir a presença amiga e fraterna dos corações que nos acompanham. De Coimbra: «*Em primeiro lugar venho pedir a Deus que vos continue a dar ânimo para continuardes, com bom sucesso, a grandiosa e admirável Obra iniciada pelo nosso saudoso Pai Américo. Falava na esperança e importância da aquisição dum tractor, muito necessário para o cultivo dos campos. Quero contribuir com uma ajuda monetária.*» Ainda não conseguimos o tractor. Mas continuamos a esperar que a hora chegue. Do mesmo modo, a renovação das nossas casas de habitação.

Na Providência de Deus está a fonte da nossa esperança! □

O ESPAÇO COMO FACTOR DE ADEQUAÇÃO E FORMAÇÃO NAS CASAS DO GAIATO

Ernesto Candeias Martins



Continuação da página 1

contexto, lugar institucional ou 'ambiente'. Cada um destes conceitos denota uma particularidade que o distingue dos outros termos e outorga um sentido próprio. Contudo, a nossa análise cinge-se à concepção do espaço global e aberto naquelas Casas, o qual acolhe as acções, interações e actividades dos Gaiatos. Isto é, o Gaiato entra nas Casas (acolhimento) e, simultaneamente, constrói e adquire a sua própria identidade e autonomia no exercício da sua liberdade e no sentido de uma responsabilidade pessoal e comunitária.

É neste contexto conceptual que a pedagogia da Obra da Rua converte-se numa ciência social dos espaços (pedagogia social), a partir das interdependências entre os aspectos educativos, sociais e culturais com os aspectos físico-naturais e os Rapazes. É nossa convicção que as ciências da educação e a pedagogia como ciência geral da educação lhe cabem a tarefa de investigar os espaços sociais envolventes, considerados como potenciais 'ambientes educativos' (Genneari, 1998: 63-65).

Por conseguinte, o conceito de espaço na sua relação com termos afins é aquele que melhor integra o conteúdo de todos esses conceitos fins, pois apresenta uma amplitude e um marco referencial para explicarmos a sua importância durante a permanência do Gaiato nas Casas como a sua implicação formativa e social. Estabelece na nossa perspectiva a conjugação entre a autonomia e sentido de pertença como a inter-relações de convivência comunitária, ao nível humano, sistémico (institucional) e espacial (ambiente).

Observar o espaço é observar os sujeitos nele inseridos. De facto, os Gaiatos, sendo o objectivo do processo educativo da Obra da Rua, são compreendidos como pessoas que convivem e se constroem em sintonia com os espaços das Casas, que são os seus referentes formativos. A pessoa do Gaiato já não é concebida na base do auto-conhecimento intra-individual, mas como comportamento exteriorizado e construído desde fora (ambiente), adoptando desenvolvimento e comunicação em relação aos espaços que usufrui. Duma autonomia ou dependência da pessoa passamos a um sentido de pertença mútua. O espaço da Casa do Gaiato, de cada Casa do Gaiato, que pode ser ligeiramente diferente uma das outras, é a situação ou o lugar (institucional) em que o Gaiato produz vivências e relações interpessoais, processos educativos e de convivência comunitária.

Continua no próximo número